

Os parques eólicos espalhados por todo o mundo parecem não ser uma fonte de energia completamente “verde”. Um novo estudo, coordenado pela investigadora Ana Teresa Marques, demonstra que há uma perda de espaço de voo para as aves planadoras nos cerca de 700 metros em redor das turbinas eólicas. A equipa internacional analisou o voo de 130 milhafres-pretos (*Milvus migrans*) e concluiu que, apesar das condições favoráveis ao voo planado, estes locais são agora evitados pelas aves. Esta perda de habitat pode vir a ter consequências negativas para a migração de várias espécies de aves planadoras.

“No nosso estudo, verificámos que os milhafres-pretos evitam a proximidade com os aerogeradores, algo que se verifica até aos 650 a 700 metros de raio dos mesmos. Isso significa que as aves deixam de poder usar essas áreas, o que se traduz numa perda de habitat”, explica ao jornal Público Ana Teresa Marques, investigadora do Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e autora principal do estudo publicado na revista científica *Journal of Animal Ecology*.

Para acompanhar o voo destas aves migratórias, os investigadores recorreram a equipamentos GPS de alta precisão, que obtinham a localização a cada minuto de cada uma das aves.

“Para fazerem o voo planado, as aves precisam de correntes de ar ascendentes que se formam em regiões com condições de terreno específicas e estão dependentes de factores climáticos como a temperatura e o vento”, contextualiza a investigadora portuguesa. Muitas destas condições necessárias ao voo planado estão presentes nos locais



Turbinas eólicas “roubam” habitat a aves planadoras

Parques eólicos estão localizados em espaços que oferecem as condições necessárias ao voo planado das aves. No entanto, as aves planadoras não conseguem utilizar estes locais, o que se traduz numa perda de habitat de cerca de 700 metros à volta de cada turbina

onde existem parques eólicos.

“As turbinas eólicas estão instaladas, frequentemente, ao longo de cadeias montanhosas, para maximizar a exposição aos ventos horizontais. Ao mesmo tempo, estas áreas possuem correntes de ar ascendentes essenciais

para as aves (planadoras)”, nota o artigo científico.

As aves planadoras (grous, cegonhas e aves de rapina diurnas) recorrem essencialmente ao voo planado para se deslocar, o que reduz eficazmente o gasto energético desta actividade. As

correntes de ar térmicas lançam as condições favoráveis a este tipo de voo, mas diminuem no território marítimo, o que obriga estas aves a realizar a travessia, evitando grandes extensões de água. Por isso, o estudo foi desenvolvido em Tarifa, lado espa-

nhol do Estreito de Gibraltar, numa região que possui 160 turbinas distribuídas por sete parques eólicos.

O Estreito de Gibraltar – local com menor massa oceânica que separa Europa e África – todos os anos concentra a presença de várias

espécies de aves planadoras, incluindo o milhafre-pretos, durante as suas migrações com destino ao continente africano. O istmo de Suez (Egipto) ou o istmo de Tehuantepec (México) são outros locais importantes para a migração destas aves. É nestes espaços onde estão a ser construídos parques eólicos. Isto significa risco de contínua perda de habitat para as aves planadoras.

Mortes de aves

Já existiam estudos que alertavam para as mortes de aves e morcegos, causadas pela colisão com as pás dos aerogeradores. Ainda assim, este estudo, que acompanhou 130 milhafres-pretos – 72 adultos e 58 juvenis – entre 2012 e 2013, foi o primeiro a debruçar-se sobre a proporção de habitat de aves planadoras que se perdeu ou ficou negativamente afectada pelos parques eólicos.

“Em situações extremas, as aves podem ter de alterar as rotas de passagem preferenciais e eventualmente recorrer a voo batido, o que representa um maior dispendio de energia para as aves”, alerta Ana Teresa Marques. Para além desta espécie, várias outras aves planadoras podem ser afectadas pelo mesmo problema. De acordo com a investigadora, a águia-calçada ou a águia-cobreira são alguns dos exemplos, que também podem estar a sofrer uma perda de habitat.

Mas o que haverá a fazer, para conciliar a produção de energia eólica – uma energia renovável fundamental para reduzir o impacto ambiental – e a conservação da vida selvagem? Ana Teresa Marques responde: “propomos que, em áreas muito relevantes para as aves planadoras, os parques eólicos evitem construir aerogeradores em locais onde tipicamente se formam correntes de ar ascendentes”.

UM QUINTO DA PRODUÇÃO MUNDIAL

Coca-Cola: 200 mil garrafas de plástico a cada minuto

A revelação chegou através de um relatório enviado pela Coca-Cola à organização sem fins lucrativos Ellen MacArthur Foundation, que está a pedir às grandes empresas que acabem com o sigilo sobre a sua pegada ambiental. E, quanto a isto, a empresa que vende um dos mais conhecidos refrigerantes do mundo tem um longo caminho a percorrer.

Segundo o *The Guardian*, citado pelo Diário de Notícias, é a primeira vez que os números de produção de plástico são conhecidos, depois de a empresa se ter recusado a apresentá-los em 2018. Por ano, são produzidas três milhões de toneladas de embalagens, nada menos que 200 mil garrafas por minuto.

Apesar dos dados enviados pela empresa, a fundação traduziu a quantidade de plástico em garrafas PET (polímero termoplástico) de 500 mililitros e os resultados são ainda mais alarmantes. Assim, a produção

não é de três milhões, mas de cerca de 108 bilhões de garrafas por ano, o que equivale a um quinto da produção mundial de garrafas PET (cerca de 500 mil milhões por ano).

Mas a Coca-Cola não é a única empresa a submeter-se à máquina da verdade. Há mais trinta que enviaram os seus dados de produção à organização Ellen MacArthur. Entre estas, encontram-se a Mars, a Nestlé e a Danone, que, combinadas, produzem oito milhões de toneladas de embalagens. Mas são 150 as que aderiram ao compromisso e a maioria ainda se recusa a divulgar publicamente as estatísticas. Este lote inclui empresas como a Pepsi, a H&M, a L'Oréal, a Walmart, a Marks & Spencer e a Burberry.

Num comunicado divulgado na última quinta-feira, a fundação disse estar confiante em que a iniciativa abre uma porta para mais transparência ecológica das empre-

sas e ajuda na luta contra o desperdício de plástico.

“A decisão de mais de 30 empresas divulgarem publicamente os seus volumes anuais de embalagens plásticas é um passo importante para uma maior transparência”, mas é preciso fazer mais, sublinha.

A eliminação das embalagens de plástico desnecessárias (bem como a transição para material descartável), para que estas possam ser 100% recicladas e com facilidade e segurança, até 2025, é um dos grandes objectivos da organização com o acordo que estabeleceu com as empresas.

De acordo com um membro da fundação, Sander Defruyt, “ainda estão longe” de resolver o problema, “particularmente quando se trata de eliminação de itens desnecessários e inovação em direcção a modelos de reutilização”. Mas é preciso “passar do compromisso à acção”.



É preciso que as grandes empresas continuem a sua luta para se evitar o desperdício de plástico